

MAMIRAUÁ, AM, 5 DE JUNHO DE 1999

Senhor Governador Amazonino Mendes; Senhores Ministros que me acompanham; Senhores Representantes das comunidades locais; Senhores Prefeitos; Senhores Oficiais Superiores; Senhoras, Senhores e Crianças, que são tão numerosas aqui,

Ontem, tive a oportunidade de visitar Urucu. E lá, ao fazer um pronunciamento a respeito da obra que a Petrobras realiza naquela região, disse que gostaria que cada brasileiro pudesse ter a mesma emoção que tive ao ver, no coração da Amazônia, jorrar o petróleo, com preservação das condições ambientais.

Hoje, aqui, em Mamirauá, reitero e renovo esse sentimento. Nesta noite, penetrando nas trilhas de Mamirauá, vi a maravilha que é esta preservação. Conversando com os habitantes locais, com o Tito, que era o barqueiro que nos guiava, senti, pela voz daqueles que habitam aqui, na Amazônia, o quanto é importante para eles aquilo que também é importante para nós, ou seja, esta consciência que, neles, é espontânea e que, em nós, tem que ser, cada vez mais, construída. Devemos nos deixar imbuir por um sentimento espontâneo de amor

à natureza. Ao ver isso, percebe-se – e o Senhor Ministro do Meio Ambiente já o disse – que, neste momento em que o mundo inteiro se volta para a questão do meio ambiente, o que é fundamental é o ser humano, que é parte do meio ambiente. Se não ganharmos a pessoa para os ideais de manutenção das potencialidades da natureza, os esforços serão baldados, os recursos, por mais numerosos que sejam, desperdiçados e as burocracias frearão os impulsos mais autênticos de transformação.

Mamirauá é o exemplo vivo de como é possível obter uma convivência positiva entre os habitantes da região e sua preservação. Nesta manhã, andando pelas trilhas de Mamirauá, se é possível dizer assim, ouvindo o silêncio da mata, vendo, de vez em quando, esse silêncio rompido, seja pelo ruído de um macaco que pula de galho em galho, seja por um tucano que começa a se movimentar, seja por um peixe que salta, é possível verificar o que significa esse modo de viver.

Nós, aqui, não estamos apenas preservando essa beleza extraordinária, essas águas, essas florestas, esses animais. Estamos vendo como foi possível, há 500 anos, há milhares de anos, haver, progressivamente, uma adaptação do homem à natureza, sem destruir e sendo beneficiário dela. Quando estávamos a ponto de destruí-la, por sorte, a consciência ecológica hoje é alguma coisa de muito forte, não apenas na consciência dos governantes, mas no comportamento das pessoas.

Agora, pela manhã, fomos, eu e Ruth, a uma comunidade chamada Alencar e vimos, nas escolas, as crianças – e basta olhá-las bem nutridas – o professor, que já participou do Comunidade Solidária, que já tem um exemplo de como é possível haver uma expansão desse mesmo movimento. Basta vê-los cantando, para incutir, em todos nós, o ideal preservacionista, para que se verifique que, efetivamente, aqui há uma integração efetiva entre a comunidade e a natureza. É disso que se trata.

Com isso, não quero dizer, sobretudo àqueles que estão no exterior, que não necessitamos de mais pesquisa científica, de mais recursos, de mais consciência de preservação. Mas preservação com a idéia de desen-

volvimento auto-sustentável. Preservação não apenas com a idéia de que é possível utilizar a natureza proveitosamente, para ela e para o ser humano, mas preservação no sentido, sobretudo, de que é preciso incluir aqueles que vivem na natureza, diante desse processo imenso de preservação.

Aí, quero lhes dizer, também, que não haverá trabalho científico, nem trabalho de desenvolvimento sustentável que perdue, se não houver, realmente, condições de continuidade. Se o Governo Federal, através do CNPq, do Ministro Bresser ou do Ministro Sarney Filho, destinar recursos em um ano e, no outro ano, não tiver recursos, esses recursos, ao invés de terem, realmente, resolvido uma questão ambiental, terão, eventualmente, até criado uma frustração ambiental. Precisamos de continuidade nos recursos.

Isso vale para as instituições internacionais, que, muitas vezes, se precipitam em querer resolver tudo de repente, sem perceber que, na verdade, temos que entender que é um processo em continuidade, que é um processo que requer dedicação, que requer, eu diria até, amor, para que as pessoas possam se embrenhar, como aqui se embrenhou o Professor Márcio Ayres, por esta Amazônia adentro, para descobrir o macaco “Acari” e para ver que ele pode ser preservado; para ver, como vimos, ontem à noite, que o jacaré-de-couro-preto, que, antigamente, se imaginava ser uma espécie em extinção, aqui, nestas águas, se mantém. É preciso, portanto, continuidade nos trabalhos.

Alegra-me ouvido o que disse o Governador Amazonino Mendes, que, ao lado daqui, de Mamirauá, vamos ter o Amanã e, depois, o Jaú, que já é federal. Precisamos transformá-los, todos, dentro do espírito de Mamirauá. Para isso, precisamos cuidar de quem vai ser o gestor dessas regiões: a população desta região, que é a melhor gestora da região.

E eu me comprometo, Governador, ao ordenar ao FAT – ao Fundo de Amparo ao Trabalhador – que propicie cursos, possivelmente, aqui mesmo e em Tefé, para que tenhamos gente capacitada para cuidar do meio ambiente.

Não é um processo que possa se resolver de uma só vez. Por mais que assinemos atos e decretos, vamos precisar dar continuidade a esse mecanismo todo.

Mas, neste dia, 5 de junho, em que, do coração da Amazônia, daqui, de Mamirauá, o Presidente da República do Brasil fala – e sua voz, possivelmente, será recolhida em partes muito distantes daqui, no Brasil e fora do Brasil –, quero deixar bem claro um compromisso: esta Amazônia é nossa, é brasileira. Esta parte da Amazônia é e continuará sendo sempre brasileira. Mas ela será, cada vez mais, de brasileiros conscientes da importância da Amazônia. Brasileiros, portanto, que vão estar sempre abertos à possibilidade de ampliar o conhecimento da região, de preservar o ser humano, de dar melhores condições de vida às populações locais e de permitir que haja a continuidade desses processos biológicos e que seja possível que se continue nessa interconexão de sistemas de vida, onde os rios de água branca e os rios de água barrenta têm origem distinta. Uns, da planície amazônica, outros, lá nos Andes. Uns, geram peixe de um tipo, outros, de outro tipo. Mas se interligam. E há lagos por aí afora. Se esses lagos são extintos, se extinguem, automaticamente, as espécies, porque as espécies se reproduzem nos lagos e não nos rios. Portanto, se se deixa a pesca predatória aberta, isso significa que, amanhã, não haverá pesca alguma.

Não há nenhuma contradição entre o ato que foi assinado agora, de permitir que esta cooperativa, em cima de cujo flutuante faço este pronunciamento, possa comercializar peixes. Mas peixes que serão pescados de modo adequado, no momento adequado e não peixes que serão vítimas da célere sanha de obter recursos financeiros, não prestando atenção à conservação das espécies.

É um novo Brasil. É um novo momento da Humanidade. É um momento em que todos sentimos, e sobretudo aqui, na grandiosidade amazônica, a nossa responsabilidade histórica para com este país, mas também para com o conjunto da Humanidade.

Esse comprometimento que nós, brasileiros, temos pela preservação no desenvolvimento sustentável é um comprometimento que, se

ele é nosso, se veio do fundo do nosso coração, veio também porque temos a absoluta consciência do significado do ser humano sobre a Terra, do significado da Humanidade. Portanto, não estamos fechados sobre nós mesmos, roucos de gritar para nós e surdos, não querendo ouvir os clamores, as ponderações, as vantagens que podem advir de uma cooperação internacional. Mas sempre – e termino dizendo isso – com a convicção, que é, realmente, hoje, muito viva em todos nós, de que tudo isso só será realidade, só haverá essa defesa ativa deste patrimônio que é a Amazônia, só haverá essa cooperação da Amazônia com o conjunto da Humanidade se pudermos ver, como vi, hoje, aqui, em Alencar, como estamos vendo, agora, aqui, em Alvarães, como vemos em toda essa região de Mamirauá, se virmos que estes homens, estas mulheres, estas crianças – elas todas, em conjunto – pensam do mesmo modo que o Presidente da República do Brasil, do mesmo modo que todas as pessoas que têm consciência ecológica. É preciso, em primeiro lugar, preservá-las, com a consciência de que elas têm da importância do meio ambiente, para que possa haver, realmente, um desenvolvimento sustentável.

Termino, portanto, agradecendo à população local, aos amazônidas. É a vocês que nós devemos este milagre de Mamirauá.

Muito obrigado.